

UMA ETNOGRAFIA DO MANEJO E DA BIODIVERSIDADE MANOKI

Artema Lima¹

Resumo

Esta pesquisa tem o objetivo de revelar aspectos do uso e manejo da biodiversidade pelos Manoki. Seu território está localizado na região da Amazônia Legal no estado do Mato Grosso. É um povo de língua isolada divididos em sete aldeias, com uma população de 365 pessoas. A biodiversidade no contexto indígena faz parte tanto do natural como do cultural. O manejo da caça, das roças, a coleta e o extrativismo são práticas tradicionais que promovem a sustentabilidade do seu sistema social e ritual, além da saúde nas aldeias. A produção de mel é a experiência de manejo sustentável com maior êxito entre os Manoki, contribuindo para a conservação do cerrado e como fonte de renda nas aldeias. Para os Manoki a demarcação de parte do seu território tradicional e de fundamental importância, para assegurar a salvaguarda do seu patrimônio cultural e natural.

Palavras-chaves: biodiversidade, Manoki e etnografia

Cenário da pesquisa

As Terras Indígenas em Mato Grosso somam ainda, áreas com altos índices de conservação da biodiversidade. No contexto indígena a biodiversidade é compreendida como parte da natureza e da cultura, com valor cultural e espiritual, presente nas cosmologias, nos símbolos e nos mitos. Para Descola (2000, 151) “as cosmologias amazônicas exibem uma escala dos seres, em que as diferenças entre os homens, as plantas e os animais são de grau e não de natureza”. Para Viveiros de Castro (2007, p.1) as cosmologias indígenas caracterizam-se pelo conceito de “perspectivismo”, que se refere “ao modo como as diferentes espécies de sujeitos (humanos e não-humanos) que povoam o cosmos percebem a si mesmas e às demais espécies”. Para os Manoki homens viravam peixes, abelhas deram origem a nomes de pessoas e um menino triste virou roça para alimentar seus parentes.

Os Manoki são habitantes de áreas de Florestas e após o contato com a sociedade envolvente em meados da década de 1940, foram drasticamente reduzidos por

¹ Bióloga, Indigenista com Mestrado em Educação.

massacres cometidos por seringueiros, conflitos com os povos vizinhos e epidemias ocasionando a perda do seu território. Em 1968 foi demarcado um território reduzido com 45.555 hectares fora da área de ocupação histórica, abrangendo uma região de cerrado, com evidentes dificuldades de adaptação sócio-ecológica. Desde 1991, os Manoki estão reivindicando parte do seu território histórico na bacia do rio do Sangue, drenada por este rio e por seus afluentes Cravari (Makãnali), Treze de Maio (Talunakãnali), São Benedito (Sõkalamey) e Membeca (Kakekãnali) todos no estuário do Juruena, fazendo parte da bacia Amazônica no município de Brasnorte. Este território requerido possui uma área de 206.000 hectares, contínuo ao território já demarcado, com formações florestais conservadas de vital importância para a sua cultura (PIVETTA, 1993; ARRUDA, 2000).

São também conhecidos como “Irantxe”, nome dado pelos primeiros “brancos” na década de 1940, outro grupo é conhecido por Myky, habitantes de um território distinto. Sua língua é classificada como isolada de outras línguas indígenas no Brasil (MONSERRAT, 2000). Somam 365 pessoas, divididas em sete aldeias, localizadas nas proximidades de pequenos rios, todas situadas na terra indígena demarcada. Suas roças são cultivadas nas áreas de matas, a caça e a pesca são escassas no território já demarcado, sendo realizadas em excursões no entorno e no território em processo de demarcação. Os seus mitos retratam as relações entre os humanos e não humanos, os sistemas ecológicos e sociais. Nomeiam diferentes categorias de paisagens e locais de caça e coleta no seu território. E desenvolvem projetos de manejo da biodiversidade, como alternativas econômicas em parceria com órgãos públicos e a OPAN.

Os principais problemas, enfrentados por este povo, são traduzidos pela pressão do entorno com o aumento do desmatamento, o avanço do agronegócio, a expansão do setor energético e a abertura de estradas na região, ameaçando não só a biodiversidade, mas a sua sobrevivência física e cultural. Diante deste contexto, a gestão e a demarcação do território tradicional fazem parte das estratégias para a conservação ambiental, a promoção da saúde, potencializando e valorizando a produção de alimentos cultivados e manejados no próprio território e a continuidade das práticas tradicionais de caça e da pesca. Diminuindo, portanto, a compra de alimentos industrializados nas cidades e fundamentalmente, sensibilizando a comunidade para não ampliarem parcerias locais, de grande impacto no ambiente como a monocultura de soja.

Metodologia

Este artigo é fruto da minha inserção no universo manoki, em 2005, como consultora para elaboração de um “Laudo ambiental do território tradicional manoki”, e no período de 2007 a 2008, como integrante da equipe indigenista da OPAN, no “Projeto de atendimento amplo aos povos indígenas de Mato Grosso”. A permanência nas aldeias me proporcionou a participação em ações direcionadas ao apoio das práticas tradicionais e iniciativas de projetos sustentáveis, formação política e reflexões sobre os seus projetos de futuro.

A metodologia utilizada consistiu na observação participante, conceito cunhado por Malinowski ([1922] 1978) no qual o observador deixa de ser um membro passivo e pode assumir vários papéis na situação do caso em estudo, e pode participar e influenciar nos eventos em estudos. A coleta dos dados foi realizada a partir das observações registradas em diários de campo, depoimentos dos indígenas e da sistematização das atividades realizadas no âmbito dos projetos. Compartilho com Geertz (1989, p. 15) que “praticar etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário”. A interpretação da cultura implica em envolvimento e proximidade com o povo, ou seja, é preciso fazer parte da sociedade pesquisada, ou permanecer por um tempo, para que sejam revelados seus hábitos e costumes seus modos de vidas e suas próprias interpretações.

As categorias de paisagens

No âmbito científico, segundo Sanches (1991) a paisagem é eminentemente ligada às ciências naturais, não se aprofundando numa abordagem relacionada à sociodiversidade, desconsiderando outras lógicas e formas de uso dos recursos. Para Wetzger (2001) a paisagem é uma “entidade visual, totalmente dependente do observador, em particular da escala do observador”, classificada e denominada tanto pela abordagem geográfica, como pela ecológica com diferentes usos e coberturas.

Para Diegues (2000, p. 27) as populações tradicionais e indígenas compreendem a paisagem a partir do “lugar onde vivem, o espaço construído material e simbolicamente,

herdado dos antepassados e sujeito a transformações provenientes tanto dos fatores naturais, como dos humanos e até dos sobrenaturais”. Posey (1987, p. 17) defende o conceito de “ecozonas”, termo “empregado para indicar uma área ecológica reconhecida em outros sistemas culturais”, ou seja, uma “categoria êmica, que pode ou não coincidir com as tipologias científicas”.

Os Manoki dividem seu território em seis diferentes categorias de paisagens. Estas categorias estão associadas às áreas de maior ou menor ocorrência das espécies para a caça e coleta, rios, aldeias e locais sagrados como: Matá'mai, Mjatakui'u, Pâipatá, Pâiopá, Iratapá'mai, Mãiwuli e Iná (tabela 1). Outras categorias são denominadas para os locais de maior frequência da caça, da coleta de plantas medicinais, para os instrumentos, e para o artesanato como: Pini'patá, Kake'patá, Iawa'patá, Manãnu'patá (tabela 2). Portanto, cada zona ecológica ou categoria de paisagem vem a ser um sistema complexo e integrado com interações entre animais, plantas, solos, rios, entidades (não humanos) e os Manoki.

Tabela 1: Categorias de paisagens manoki

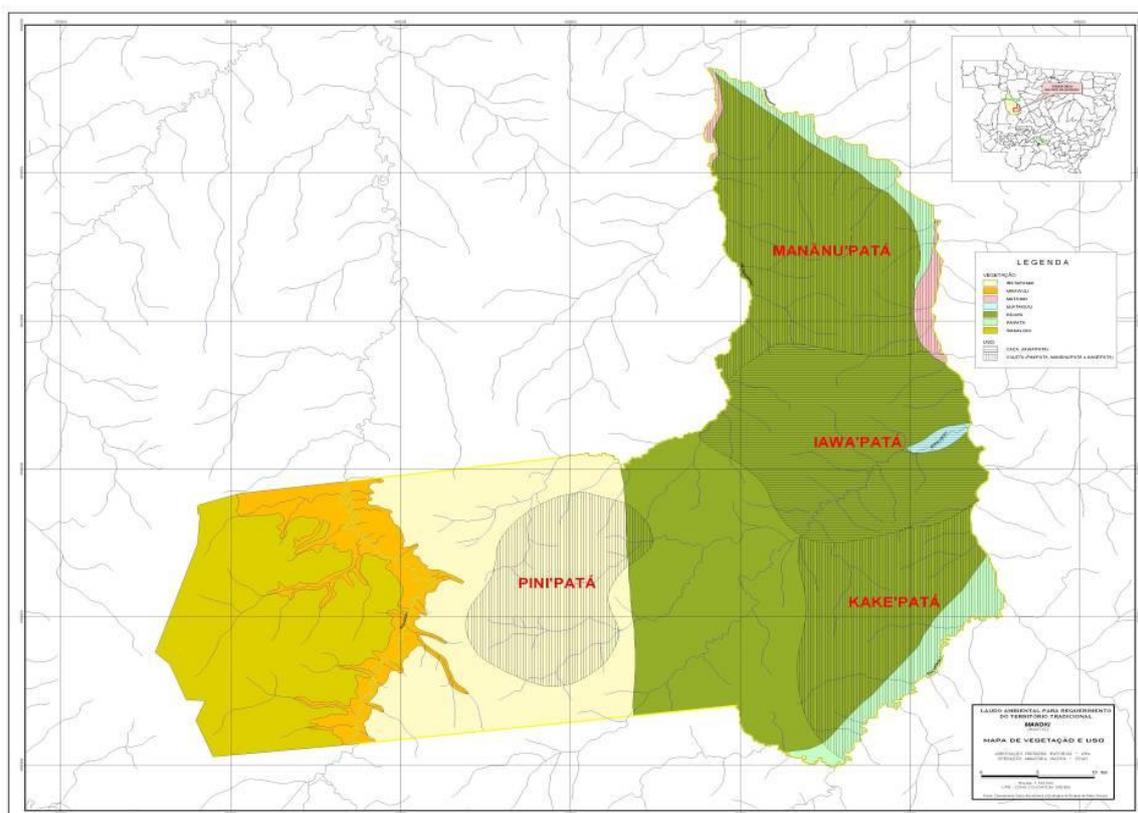
Denominação manoki	Denominação regional	Micro-bacia	Descrição
Matá'mai	Brejo sujo	Rio do Sangue (Mãnamiake)	Esta área está localizada nas margens do rio do Sangue, região de buritizais.
Mjatakui'u	Barreiro	Rio São Benedito (Sōkalamey)	Área mitológica, onde habita uma entidade da caça.
Pâipatá	Mata baixa	Rio do Sangue (Mãnamiake) e Membeca (Kakekãnali)	Área que acompanha algumas margens do rio do Sangue e rio Membeca.
Pâiopá	Mata alta	Rio Treze de Maio (Talunakãnali), Membeca (Kakekãnali) e São Benedito (Sōkalamey)	Área de grande floresta onde se localizam as áreas de caça e locais para as roças.
Iratapá'mai	Campo limpo	Rio treze de Maio (Talunakãnali)	Área de coleta importante para os manoki (coleta de frutas, sementes e remédios).
Mãiwuli	Cerrado alto	Rio Cravari (Makãnali)	Área grande que compõe a micro bacia do rio Cravari
Iná	Cerrado baixo	Rio Cravari (Makãnali)	Área onde estão concentradas as aldeias no território Irantxe.

Tabela 2: Categorias dos locais de caça e coleta

Categorias dos locais de caça e coleta	Descrição
Pini'patá	Local das plantas medicinais ou terra do remédio
Kake'patá	Local onde tem material para a confecção de instrumentos de caça, arco e flecha principalmente jurupara ou terra da Guerra
Iawa'patá	Local onde tem muitos animais ou terra de caça
Manãnu'patá	Local onde tem muito material para confecção de casas e artesanato ou terra de trabalho

Para Lévi-Strauss (1970) a ação dos povos indígenas no ambiente em que vivem e desenvolvem sua organização, lhe permitem compreender a lógica de funcionamento dos ecossistemas e suas interligações físicas e biológicas. Para Pivetta (1993, p.90) “Saber os locais em que sua ocorrência é mais freqüente seja em quantidade, seja em qualidade é prova do domínio territorial do grupo, pois implica uma relação de longa duração com o espaço”.

Figura 1: Mapa dos locais de caça e coleta no território tradicional manoki



Fonte: (LIMA e CHARANEK, 2005)

Os barreiros e a caça

Na cosmologia manoki os animais viravam gente, caçavam com flechas e tinham as suas aldeias. Alguns homens sabiam virar porco do mato nas caçadas, para atraí-los com sementes e frutas e depois flechá-los. Os animais viviam todos juntos antes de se espalharem no mundo.

“Antigamente todos os animais viviam juntos num buraco só. A cotia sempre saía para comer frutas fora. Um dia, um homem descobriu e esperou a cotia. Quando ela saiu o homem flechou. A cotia levou a flecha para o buraco. O homem foi esperar de novo. A cotia chegou, o homem flechou e ela levou a flecha de novo. Então o homem foi com toda a família procurar à cotia. A mulher viu a pontinha da flecha na boca de um buraco. Chamou o homem. O homem cavou e achou as duas cotias flechadas e descobriu que os animais todos moravam naquele buraco...”²

Após a descoberta dos animais, os homens continuaram a caçá-los, até que um dia eles fugiram do buraco e foram viver em lugares diferentes. Fora do buraco alguns animais, como a anta, o queixada e a paca são encontrados no barreiro *Mjatakui`u*, lugar de espera de caça ou área de acampamento permanente de caça. De acordo com Manoel Kanunxi, neste lugar mora uma entidade denominada *Mjatakiumia* (dono do barreiro), que produz uma bebida que atrai os animais. Segundo o relato da Sra. Maria Angélica: “Se o homem sonda e depois atira no animal e não pede licença para o dono do barreiro *Mjatakiumia*, vai ser perseguido e pode ser morto. O *Mjatakiumia* anda em cima da anta e do veado e oferece bebida aos animas”.

A caça é uma atividade masculina e muito valoriza dentro da sociedade manoki. Antes do contato com a sociedade envolvente utilizavam arco e flecha e percorriam longas caminhadas. No território demarcado a caça é escassa. Algumas espécies como a ema, a seriema e o perdiz, diminuíram drasticamente na região devido à quantidade de agrotóxico utilizado nas fazendas (ARRUDA, 2000). As principais caçadas (tabela 2) para os rituais e festas são realizadas fora do território demarcado, principalmente nas fazendas do entorno com o uso de espingardas, onde a anta e o veado são as espécies encontradas com maior frequência se alimentando nas lavouras de soja e milho, como revela a tabela abaixo:

² Fragmento do mito coletado por Paulo Porto em 1995 (não publicado).

Tabela 2: Animais caçados pelos Manoki para os rituais no período de 2007 a 2009.

Denominação manoki	Denominação regional	Espécie	Frequência de captura/rituais				
			2007 Ritual do Yéta	2008 Jogo de cabeça	2009 Batizado dos meninos		Total
					Mês 07	Mês 11	
Kataty	Arara	<i>Ara sp.</i>	10	-	-	-	10
	Seriema		-	-	02		02
Api	Ema	<i>Rhea americana</i>	-	-	11	-	11
Patanka	Macaco Prego	<i>Cebus apella</i>	07	-	-	-	07
-	Macaco Aranha		07	-	-	-	07
Xiu	Macaco preto	-	01	-	-	-	01
Jamamini	Tatu quinze quilos	<i>Dasypus kappleri</i>	01	-	-	-	01
Jãmasi	Veado	<i>Mazama sp.</i>	03	-	03	02	08
Opyri	Anta	<i>Tapirus terrestris</i>	05	03	07	05	20

Outras espécies são caçadas em menor frequência devido a tabus alimentares como, por exemplo: o macaco preto, não recomendado para o consumo de homens e mulheres com crianças pequenas e o tatu quinze quilos, proibido para as crianças até dez anos, pois ao comerem ficam com preguiça. Somando 10 aves e 18 mamíferos caçados pelos Manoki.

O manejo da pesca

A pesca na terra demarcada é escassa e a pressão do entorno vem contribuindo para a diminuição dos recursos pesqueiros da região. Envolve várias técnicas, sendo algumas tradicionais, como o arco e flecha, o uso do timbó, e outras aprendidas com os não índios, como o anzol, a máscara e o arpão, estes dois para a pesca de mergulho nos córregos e rios de águas claras. Todos pescam homens, mulheres, crianças e anciões. São pescadas 14 espécies: Cascudo, jacaré, Jaú, Lambari olhudo, Lobo, Matrinchã, Pacu, Pacuzinho, Piau, Piava, Pintado, Traíra e Trairão. As pescarias longas envolvem a permanência de alguns dias, em acampamentos realizados nas lagoas temporárias, nos meses de agosto a setembro, e nos grandes rios como o rio do Sangue (ARRUDA, 2000).

Nas pescarias nas lagoas os anciões e adultos ensinam para as crianças e jovens o manejo do timbó. Eles aprendem a identificar e a coletar o cipó, amarrar, a bater na água, à hora certa de apanhar os peixes, as histórias e as regras. Para os Manoki “mulher barriguda não pode entrar na lagoa, só quando o peixe está morrendo... e o pai que tem criança nova não pode bater timbó” (Manoel Kanunxi). Contam que dois homens sabiam virar peixes. Um dia uma criança sumiu na beira do rio, e o seu pai acusou os peixes de levarem o seu filho. O pai então pediu para dois homens vingarem à morte da criança. Os dois homens viraram peixes e atraíram todos os peixes até uma barragem, para que fossem todos pescados³.

Como alternativa para o aumento do consumo de peixes em 2007, foi implantado em duas aldeias, o projeto de piscicultura financiado pela Carteira Indígena⁴. Este projeto proporcionou a construção de três tanques, duas roças para a alimentação dos peixes, e a formação técnica de sete indígenas. Nos tanques foram introduzidos 21.585 alevinos das espécies: Tambaqui, Piauçu, Corimbatá, Lambari e Acaraçu. Na aldeia Paredão o projeto teve resultados positivos e a comunidade obtém parte do seu pescado do manejo. Entretanto, na aldeia Cravari a desmotivação da comunidade em realizar as atividades de manejo gerou o fechamento do projeto. A Sra. Dolores da aldeia Cravari avalia esta experiência: “vejo que os projetos para a comunidade não dão certo, porque ninguém tem responsabilidade ou falta uma liderança forte para organizar. Acho que precisamos de projetos particulares, a criação de abelhas dá certo porque é particular cada família cuida do seu mel”. Constata-se que o sucesso dos projetos de manejo está fortemente relacionado à organização e participação da comunidade em todo o processo de implantação, avaliação e monitoramento, além do tempo para que novas técnicas sejam incorporadas na dinâmica cultural.

Coleta e extrativismo vegetal

Nos locais Pini’patá, Kake’patá e Manãnu’patá a coleta é realizada por homens, mulheres e crianças em pequenas excursões no território. São conhecidas 57 espécies vegetais associadas à alimentação, artesanato, construção de casas, instrumentos

³ Mito coletado por Paulo Porto em 1995 (não publicado).

⁴ É uma ação do governo federal, cuja finalidade é apoiar e fomentar o desenvolvimento sustentável, a gestão ambiental das terras indígenas e a segurança alimentar e nutricional dos povos indígenas, em todo o território nacional.

musicais, alimentos para animais de caça e veneno para pesca. Com as sementes, principalmente de tucum são confeccionados colares, brincos e anéis. Os homens confeccionam o arco e flecha e com a palha de buriti o xiri. A palha de buriti é utilizada para a confecção de cestos de vários tamanhos com novas técnicas de trançados aprendidas com o povo Paresi. Estas atividades são fontes de renda para aqueles que confeccionam e vendem nas viagens que fazem as cidades do entorno, nos eventos que participam e para a FUNAI.

As plantas medicinais são coletadas no campo, no brejo, na capoeira e na mata. A capoeira é a roça, ou seja, depois de dois anos de derrubada da roça é formada a capoeira. São identificadas 45 espécies de plantas medicinais utilizadas que apresentam regras para o seu uso como: dietas dos pais para não afetar a saúde dos filhos neste sentido algumas são alimentares, sexual, etc. Algumas plantas estão relacionadas com a construção da pessoa, por exemplo, as plantas utilizadas para fortalecer o corpo, enrijecer os músculos, tornar homem, tornar caçador e planta que ao tomar banho serve para pescar melhor. Há também, normas seguidas na coleta das plantas: não pode coletar com chuva, tem horário específico, algumas no final de tarde, no início da manhã e na seca. Tem planta que não pode colher onde as pessoas passam (caminho) e não pode ficar com a planta na mão tem que embrulhar numa folha. Segundo o Sr. Alonso Irawali (2006) “não pode cheirar os remédios na hora de tratar. A cura da pessoa já começa na coleta do remédio Para coletar tem de ir até ao remédio e depois voltar”.

O pequi destaca-se como uma espécie importante na dieta alimentar, e na sua coleta os excedentes são vendidos nas cidades do entorno. Esta atividade é realizada por ambos os sexos e diversas faixas etárias, na esfera dos grupos familiares nos meses de setembro a novembro. As áreas de maior ocorrência estão localizadas no Iratapá' mai (campo limpo) e Iná (cerrado baixo) e do ponto de vista ambiental é uma atividade sustentável e estratégica para a conservação do cerrado, uma vez que para a extração do pequi é preciso conservar a cobertura vegetal original. Porém, observa-se uma preocupação e cuidado crescente dos Manoki, com o uso do fogo nas roças e para a limpeza dos quintais a partir do mês de agosto (período da seca), para que o fogo não se alastre nos campos e cerrado e queime as flores de uma série de espécies, inviabilizando a coleta de frutos nas regiões atingidas por ele neste período (COSTA; LIMA; CORREA, 2002).

Manejo das roças rituais

No mito de origem da roça um menino triste por seu pai não lhe dar atenção pediu para sua mãe enterrá-lo, e no lugar onde ele ficou nasceu todas as espécies cultivadas pelos Manoki. Os seus dentes deram origem ao milho, da cabeça nasceu à cabaça, das costelas nasceu o feijão costela, do fim do osso externo o grande feijão curto, do coração nasceu o cará-branco, do fígado nasceu o cará-preto, da tripa nasceu à batata-doce, do braço nasceu à mandioca mansa, do pênis nasceu à araruta, da canela nasceu a mandioca braba e da unha nasceu o amendoim (ARRUDA, 2000, BUENO, 2008).

As roças estão localizadas nas matas próximas aos pequenos córregos. A mata é derrubada e depois de seca é queimada, acontecendo em seguida o plantio. Na terra demarcada o ambiente é de cerrado e o solo tem poucos nutrientes, não suportando o plantio por mais que dois anos seguidos. Isto faz com que a cada ano novas áreas sejam abertas (ARRUDA, 2000). O cultivo e o oferecimento de seus produtos fazem parte do universo ritual garantindo a conservação da variedade das sementes indígenas. Divididas em duas categorias: roças familiares e comunitárias, a segunda cultivada para o oferecimento aos espíritos no ritual do Yetá. Ritual associado à iniciação do menino à vida adulta e o processo de derrubada, queima, plantio da roça, incorrendo em um processo de trabalho que passa por momentos de transmissão, troca, e manutenção de experiências e conhecimentos vitais para a organização social.

Conta a Sra. Maria Angélica, da aldeia Cravari, que antigamente era difícil derrubar e plantar as roças e que algumas espécies não estão mais sendo cultivadas:

Antigamente não tínhamos ferramentas, começamos a pegar os machados dos brancos nos barracos de seringa. - assim que meu pai contava. Alguns roçavam com pedaço de pau no lugar de foice e rachavam na forquilha. As árvores grandes eles não derrubavam. Meu pai plantava cavoucava com pedaço de pau e plantava as ramas de mandioca. Agora a gente tem enxada e arrebenta a rama, antigamente só fincava a rama... era sofrido para plantar. Hoje vovó não tem roça com araruta comprida (yalawá), que cria uma raiz e uma batatinha, quando ela madurava socava, peneirava e fazia chicha. Tinha cará magro (makawarirepi), amargo e largo e que comíamos com carne de caça. Tinha outro que fica no mato que não é amargo e se chama cará de jacaré (makawa tiwakali). Desse lado não tem, só lá no rio do Sangue. Lá tem muito alimento: o cará de buriti, o amendoim, o milho fofo. A ararutinha que nasce no mato, e tem torceirinha, a gente fofa a

terra para coletar e depois faz chicha. Tinha batata vermelha (uayewa), batatinha branca (unawakata) e mandioca branca de estrela. Hoje não tem mais, tem outro tipo de mandioca amarela (makulakehy). Antigamente tinha a mandioca mansa, a mandioca de chicha (m~ytiumalu) com raiz curta e a gente bebia a chicha dela e comíamos a massa misturada com polvilho, hoje só temos plantada no Salto. O nosso feijão é a fava costela (kumãtairu), esse feijão que comemos hoje não tinha antigamente. Tinha também outro tipo de cará cabeludo plantado na roça, antigamente tinha muita comida e levávamos no xiri (...) eu me lembro...era menina ainda (...)⁵

O plantio e a colheita dos produtos da roça são atividades que precisam da organização interna dos grupos e da conservação de suas sementes. No contexto atual do território reduzido, cercamento de monoculturas e erosão cultural e social, evidenciam-se como estratégias dos Manoki: a valorização do manejo indígena, difusão de técnicas e ações de base ecológica na agricultura e intercâmbios de semente com povos vizinhos para o fortalecimento da variedade genética das espécies cultivadas.

Manejo do mel

A coleta do mel das abelhas nativas é uma prática tradicional, mas não de forma sistemática, a coleta acontece quando os indígenas saem para as caçadas ou mesmo em atividades nas roças e quase sempre implica na destruição dos ninhos. Segundo os Manoki algumas espécies são conhecidas como: *Mambucão*, *Mandaguari*, *bujui*, *borá*, *manduri* e *iraxim*, seus enxames estão cada dia mais difíceis de encontrar no território demarcado. Este fato é decorrente de fatores como as grandes queimadas acidentais, o desmatamento do entorno e a coleta sem manejo pelos indígenas (KERR *et al*, 2001).

Para os Manoki e também para outros povos indígenas da região norte e nordeste (MODERCINE *et al*, 2007) o mel das abelhas nativas possui propriedades medicinais sendo utilizada na cura de gripes e inflamações. O fato de ter estas propriedades agrega valor, e passa a ser um produto muito procurado pelos não índios. Em 2004, houve uma iniciativa para introdução da meliponicultura, mas não foi desenvolvida entre os apicultores Manoki, porém eles destacam a importância dessa prática: “É importante iniciar a meliponicultura para intercalar a produção da apicultura” (Manoel Kanunxi). Para Modercine *et al* (2007, p.1279) “é preciso que o manejo das abelhas seja feito de

⁵ Fragmento da historia contada pela Sra. Maria Angélica registrada por mim na escola da aldeia Cravari em 2008.

forma que sua população não decline vertiginosamente e possa continuar exercendo seu papel ecológico”. Além da sua importância ecológica para a polinização da flora as abelhas fazem parte da mitologia indígena. Para os Manoki as abelhas deram origem a nomes femininos e masculinos: “Kamunu, Kamuu, Kanuxi e Kawyxii” como conta a versão do mito contada por Luis Tamuxi (2007) citada por Bueno (2009, p.69):

Quando um homem foi tirar mel, escutou um barulho e perguntou quem o estava fazendo. Era o mambucão (alitai; *Trigona capitata*), pai de Kamunu e Kamuu. O homem logo pensou que estes seriam bons nomes para meninas. O mambucão convidou o homem para pegar mel na aldeia em que era chefe, onde todos os homens-abelha estavam jogando bola de cabeça e fazendo festa. Na procura por outros nomes, o homem perguntou para o iraxim (Iwatutu; *Meliponídeo*) como este se chamava. Seu nome era Wātulu. A mesma pergunta foi feita para o manduri (wã’wājnu; *Melipona marginata*), dono da chicha mais gostosa, que respondeu que seu nome era Kanuxi. O manduri-preto, dono de outra chicha muito saborosa chamava-se Kawyxii. O homem ficou satisfeito com os novos nomes que levaria para sua aldeia, dois femininos – Kamuu e Kamunu – e dois de meninos – Kanuxi e Kawyxii. Então o homem se despediu do mambucão, que lhe encheu uma cabaça de chicha, pegou um beiju e uma bola de massa de mandioca, além de três tipos diferentes de mel; colocou tudo dentro de um xiri e deu para que o homem levasse. Pediu, no entanto, que o homem não olhasse o que havia dentro do xiri, que não ficasse sentado no caminho. Mas este ficou muito cansado durante a volta para sua aldeia. Ficou sentado e olhou. A massa virou cera, o beiju virou polvilho e a chicha virou abelha

O manejo da *Apis* (apicultura) foi introduzido nas aldeias manoki em 2003. Uma atividade econômica de grande importância e aceitabilidade entre as comunidades. Os Manoki mantêm junto a outros povos da região um status de bons conhecedores das técnicas apícolas, dominam desde a captura dos enxames, a produção do mel e seu escoamento. Segundo Manoel Kanunxi (2007) “para trabalhar com abelha tem que ter o dom. Na friagem as abelhas comem o mel e em cada melgueira tiramos 10k de mel, se a caixa é boa tiramos 20k de mel”. Sua família produz própolis, extrato utilizado no tratamento de gripe, diarreia e ferimentos em crianças e adultos. Tanto o mel quanto o própolis são vendidos nas aldeias e nas cidades do entorno

A apicultura contribui para a conservação do cerrado, diminuindo as áreas de desmate, e o uso do fogo, pois para a produção de mel é preciso conservar as espécies vegetais visitadas pelas abelhas. Foram formados 15 apicultores indígenas em 2004, chegando à produção a 400 quilos/ano, comercializados e uma parte consumida pelas próprias

comunidades (OPAN, 2004). Entretanto, apesar da produção ter se estabilizado após a implantação experimental, em 2009, houve uma queda significativa da produção de mel devido à diminuição do número de caixas por apicultores. Como podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 3: demonstrativo do número de caixas por apicultores

Aldeias	Apicultores Indígenas	Nº de caixas em 2007	Nº de caixas em 2008	Nº de caixas em 2009
Asa Branca	Manoel Kanunxi	10	10	02
Paredão	Anastácio	06	10	06
	Pedro Paulo	01	-	-
	Garcia	04	04	-
	Dito	04	06	04
Perdiz	José Francisco	10	06	01
Recanto do Alípio	Marcelo	03	07	-
	Darci	03	-	-
Cravari	Giovani	03	02	-
	Saulo	01	-	-
	Renato	03	02	-
	Martinho	02	02	02
13 de maio	Mário Gilson	05	06	05
	Elias	04	02	03
	Teodoro Tarcísio	02	-	-
Total	15	61	57	23

Fonte: OPAN, 2010.

Atribuí-se esta queda de produção a outras atividades assumidas pelos apicultores nas aldeias e nas fazendas do entorno. A falta de cuidado e manejo adequado tem conseqüência direta na perda de caixas, seja pelo abandono das abelhas, ou seja, pela predação por animais. Entretanto, esta é a atividade de manejo com maior êxito junto aos Manoki, que observam a produção de mel tanto, como um potencial para a geração de renda, mas também para o consumo da comunidade e como incremento na merenda escolar, promovendo a saúde nas aldeias.

Algumas considerações

Para os Manoki o uso social da biodiversidade possui uma ligação direta com o seu sistema cosmológico, com a qualidade de vida, saúde nas aldeias e com a realização dos

rituais. Os rituais incentivam as expedições de caça e da pesca, a continuidade das práticas de plantio e os cuidados com a variedade de sementes.

A coleta de sementes para o artesanato vem sendo incentivada em oficinas de produção apresentando resultados positivos na valorização da cultura material e como fonte de renda. O uso das plantas medicinais ainda é restrito aos especialistas, mas observa-se a necessidade de potencializar este conhecimento, junto aos agentes de saúde indígena na cura de doenças, diminuindo o tratamento alopático.

O extrativismo ou coleta do pequi contribui na dieta alimentar e nutricional, nos meses de consumo e já possui um mercado local para a venda in natura. Apesar dessa atividade extrativista não ter sido ainda quantificada, há a necessidade de seu potencial ser melhor estudado como estratégia de conservação, baseada no manejo de produtos florestais não madeireiros do cerrado.

Em relação aos projetos de manejo desenvolvidos pelos Manoki observa-se que a ampliação da piscicultura para outras aldeias, só será viável, a partir de uma avaliação dos impactos e da pactuação com as comunidades para o manejo adequado. Já a apicultura nas aldeias tem grande potencialidade cultural e ambiental. Evidencia-se a necessidade da formação de novos apicultores, sua produção melhor organizada e sistematizada e o selo de produto orgânico para agregar maior valor ao produto.

Por fim, para os Manoki a manutenção das suas práticas tradicionais e rituais e a conservação da biodiversidade esta fortemente relacionada à regularização fundiária do seu território tradicional em áreas de florestas.

Referências bibliográficas

ARRUDA, Rinaldo. **Relatório Circunstanciado de Identificação e delimitação da Terra Indígena Manoki**. GT Irantxe: Portaria da FUNAI/BSB n° 1144, publicado no Diário Oficial da União, 2000.

BUENO, Ana Cecília V. **Os Irantxe e Myky do Mato Grosso: um estudo do parentesco**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, 2008.

COSTA, Plácido; LIMA, Artema; CORREA, Maristela. A. **Zoneamento Sócioambiental das Terras Indígenas Pareci: A busca de modelos de desenvolvimento alternativo para o Cerrado**. Diversos olhares em Etnobiologia, Etnoecologia e Plantas Medicinais. Cuiabá, 2002, p. 71 – 84.

DESCOLA, Philippe – Ecologia e Cosmologia. In: Diegues, Antonio, C. (Org.), **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. In: 2000. p. 149 – 164.

DIEGUES, Antonio Carlos. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: Diegues, Antonio C. (Org.) **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. Editora Hucitec, NUPAUB-USP, São Paulo, 2000, 290p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Editora: LTC, 1989, 213p.

LEVI-STRAUSS, **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970, 331p.

LIMA, Artema S. A. e CHARANEK, Neder. **Laudo ambiental do território tradicional Manoki: impactos ambientais e mapeamento participativo do uso e ocupação do território pelos Manoki**. Associação indígena Watoholi/Programa Demonstrativo dos Povos Indígenas – PDPI, Cuiabá, 2005 (não publicado).

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: AbrilCultural, [1922] 1978 (Coleção os Pensadores). p. 17-34.

METZGER, Jean Paul. O que é ecologia da paisagem? **Biota Neotropica**. Campinas/SP. VI. 1 e 2, dezembro de 2001.

MODERCIN, Isabel, F.; CASTRO, Marina, S. de; BANDEIRA, Fabio Pedro de S. F. Manejo sustentável de abelhas sem ferrão no Território Indígena Pankararé, Raso da Catarina, Bahia. **Revista Brasileira de Agroecologia/out.** Vol.2 No.2, 2007.

MONSERRAT, Ruth M. F. **A língua do povo Mynky.** Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

OPAN. Projeto de atendimento amplo aos povos indígenas de Mato Grosso. **Relatório Final Trienal/Misereor.** Cuiabá, 2004 (não publicado).

OPAN. Projeto de atendimento amplo aos povos indígenas de Mato Grosso. **Relatório Final Trienal/Misereor.** Cuiabá, 2010 (não publicado).

PIVETTA, Darci L. e BANDEIRA, Maria de L. **Irantxe: Luta pelo Território expropriado.** Editora Universitária UFMT, Mato Grosso, 1993.

POSEY, Darrel A. Etnobiologia: teoria e prática. In: Ribeiro, Berta G. (Coord.) **SUMA Etnológica Brasileira** – Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Volume 1- Etnobiologia. 2ª edição, editora Vozes, Petrópolis, 1987.

SÁNCHEZ, Roberto O. Zoneamento Agroecológico do Estado de Mato Grosso: **Ordenamento Ecológico – Paisagístico do Meio Natural e Rural.** Cuiabá – MT, Fundação de Pesquisas Cândido Rondon, 1992.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A natureza em pessoa:** sobre outras práticas de conhecimento. Encontro "Visões do Rio Babel. Conversas sobre o futuro da bacia do Rio Negro". Instituto Socioambiental e a Fundação Vitória Amazônica, Manaus, 22 a 25 de maio de 2007.site: [www. Institutosocioambiental.org](http://www.Institutosocioambiental.org)

KERR, Warwick. E; CARVALHO, Gislene A. Et all. Aspectos pouco mencionados da biodiversidade amazônica. **Parcerias estratégicas** - número 12 - setembro 2001.